

Camdessus acha que reformas trazem êxito

Washington — Durante a instalação formal da Assembleia anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, o diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, disse ontem que os países não demonstraram muito entusiasmo quando se lançou o programa de reformas das estruturas econômicas e “deixaram passar a ocasião”. A afirmação de Camdessus foi feita no contexto do atual confronto entre o FMI e o Brasil, fato que vem ganhando importância pela situação do País como o maior devedor do mundo. O discurso do diretor do FMI não foi acompanhado pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, que regressou ao Brasil no início da manhã, depois de manter consultas urgentes com o presidente Fernando Collor, que está em Nova Iorque.

O FMI quer que o Brasil liquide o débito de dez bilhões de dólares em juros atrasados da dívida de 56 bilhões de dólares junto aos bancos comerciais, antes de receber um amplo apoio da comunidade financeira internacional. Segunda-feira, o secretário norte-americano do Tesouro, Nicholas Brady, já havia pressionado ainda mais o Brasil ao pedir pessoalmente que o Governo brasileiro resolva o problema do atraso de seus pagamentos para poder iniciar um acordo com o FMI. O Governo Collor insiste em firmar um acordo com o Fundo antes de negociar com os bancos, mas nas reuniões preparatórias para a assembleia, Camdessus deixou claro que o FMI não participaria se não houvesse progressos com os banqueiros comerciais, dando a entender que o País deveria pagar parte dos juros devidos.

No discurso que fez ontem, Camdessus disse que a estratégia de colaboração em relação à dívida “está dando frutos para os países que adotaram com rapidez os programas de reformas estruturais de sua economia e insistiram em sua implantação decidida”. Ele declarou, entretanto, que outros países demoraram em aceitar a necessidade das reformas. Outros deles, por sua vez, não demonstraram muito entusiasmo em adotar os programas, segundo o diretor-gerente do FMI.